



ASSOCIAÇÃO NACIONAL DAS INDÚSTRIAS PROCESSADORAS DE CACAU (AIPC)

CULTIVO EM ÁREAS NÃO TRADICIONAIS JÁ É REALIDADE

Com expertise em outros cultivos, muitos dos produtores de cacau trazem tecnologia e boas práticas com foco na produtividade e na sustentabilidade.

HÁ QUATRO anos, o produtor de Grãos Moisés Schmidt começou a investir no cultivo de cacau. Pertencente à segunda geração de uma família de agricultores no município de Barreiras, na região oeste da Bahia, ele viu na atividade do cacau uma oportunidade para diversificar os negócios. “Queríamos investir sem fugir muito do que já fazíamos e vimos na fruticultura e no cacau uma oportunidade para aplicar o conhecimento profissional acumulado na produção de soja, milho e algodão, resultando em produtividade e eficiência”, explica.

Os primeiros investimentos começaram em 2019, tendo chegado, atualmente, a

área com cacau a 36 hectares plantados, com a meta de encerrar 2022 em 50 hectares plantados. Com toda a área de cultivo irrigada e desenvolvida a pleno sol, a produtividade média gira em torno de 70 arrobas por hectare nos primeiros dois anos. Com três a quatro anos, no ápice da produção, a expectativa é de que chegue a 300 arrobas por hectare.

Assim como Schmidt, o produtor Nixon Duarte também está investindo na produção de cacau, mas no município de Iaçú, localizado no início da Chapada Diamantina, no semiárido baiano, a 240 quilômetros de Salvador.

Ali, Duarte cultiva 17 hectares de cacau, com cinco variedades diferentes. A lavoura também é cultivada com irrigação e desenvolvida a pleno sol. Duarte revela que o clima de baixa umidade e temperaturas altas dificulta a disseminação das doenças fúngicas. Por lá, o principal desafio é controlar o vento. Para isso, criou-se um quebra-vento com pés de eucalipto e mogno, além do plantio de leguminosas para proteger as plantas de cacau. Com o recebimento de assistência técnica para melhores práticas de manejo, ele revela que a produtividade média de algumas áreas da propriedade chega a 200 arrobas por hectare.

EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS ADQUIRIDAS EM OUTRAS CULTURAS

Paulo Marrocos, pesquisador da Ceplac, explica esse movimento de expansão do cultivo de cacau que ocorre em vários estados: “Temos acompanhado os trabalhos com essa lavoura nos estados do Ceará, do Tocantins, de Minas Gerais e de São Paulo”. Uma boa parte dos produtores com investimentos nesse cultivo traz experiências profissionais adquiridas em outras culturas. “Em geral, são produtores de portes médio e grande, acostumados a investir em boas práticas e tecnologias. Além disso, muitas dessas regiões são áreas de relevo plano que favorecem a automação de diversas etapas da produção”, esclarece Araújo.

As indústrias processadoras acompanham de perto a expansão da produção de cacau, um dos principais desafios do setor, a fim de tornar o Brasil autossuficiente de novo. “A expansão nos ajudará a alcançar o volume que precisamos ter do lado interno para atender o mercado brasileiro. Esse processo pode resultar na descoberta de novas práticas, técnicas e modelos que possamos usar na modernização e na capacitação dos produtores das áreas tradicionais”, explica Laerte Moraes, diretor-geral de Cacau & Chocolate e Amidos e Adoçantes da Cargill na América do Sul e presidente do Conselho Diretor da AIPC.

Para o presidente da Ofi – Olam Food Ingredients, Sathyamurthy Mayilswamy, a expansão do cacau para novas áreas significa um fato de grande importância para o setor. “Como processadores, queremos dar total suporte e assistência a esse movimento”, explica. Ele destaca que as ações e os projetos atuais da companhia estão concentrados nos estados da Bahia e do Pará, mas que devem se expandir com o avanço dos cultivos para outras regiões. “No futuro, expandiremos os nossos programas de desenvolvimento sustentável da cadeia de suprimentos para outros estados também”, revela.

DESAFIOS PARA SUSTENTAR O CRESCIMENTO

Um dos desafios que os produtores das novas áreas e das tradicionais têm pela frente está na quantidade insuficiente de mudas disponíveis no mercado. Schmidt identificou essa lacuna logo que pensou em expandir a sua área e decidiu agir. Por meio de uma parceria, investiu na Biobrasil Mudas, que deve produzir mudas suficientes para 100 hectares entre áreas próprias e de terceiros.

Já Marrocos, da Ceplac, explana, além da necessidade de produzir mudas com tecnologia, o fato de ser fundamental que as cultivares sejam testadas em diferentes regiões. “Como cada área apresenta suas próprias peculiaridades de clima, solo e temperatura, cabe a montagem de ensaios para verificação dos locais aos quais cultivares são mais adaptáveis para proporcionar resultados prósperos de produção”. Moraes, da Cargill, concorda e ratifica o grau de importância para a indústria entender como se comporta a cultura de cacau em outros biomas e quais são os modelos de negócio e as condições de plantio.

Na Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), no estado de Minas

Gerais, o professor Victor Maia pesquisa, há oito anos, a viabilidade de variedades de cacau na região, com a coleta de dados sobre níveis de produtividade, adaptações ao clima e melhores práticas do cultivo. Essa área caracteriza-se como um polo de fruticultura, com os produtores locais utilizando tecnologias já desenvolvidas para produzir cacau com foco na produtividade e na qualidade. “Percebemos um cuidado extra deles com a secagem e a fermentação,

sem falar das condições necessárias de clima e temperatura; a secagem ocorre a pleno sol, sem fumaça”, explica o professor. Segundo ele, existem, hoje, cerca de 70 hectares plantados, com média de três anos de idade, mas a expectativa para os próximos anos é de que a área norte do estado se torne uma importante produtora de cacau, “com potencial para ultrapassar 1.000 hectares plantados nos próximos cinco anos”, calcula.



À esquerda, o produtor Moisés Schmidt

PRIMEIRO TRIMESTRE TEM AUMENTO DE RECEBIMENTO DE CACAU E ESTABILIDADE NA MOAGEM

A expectativa da AIPC é de que os volumes processados em 2022 sejam equivalentes aos de 2021.

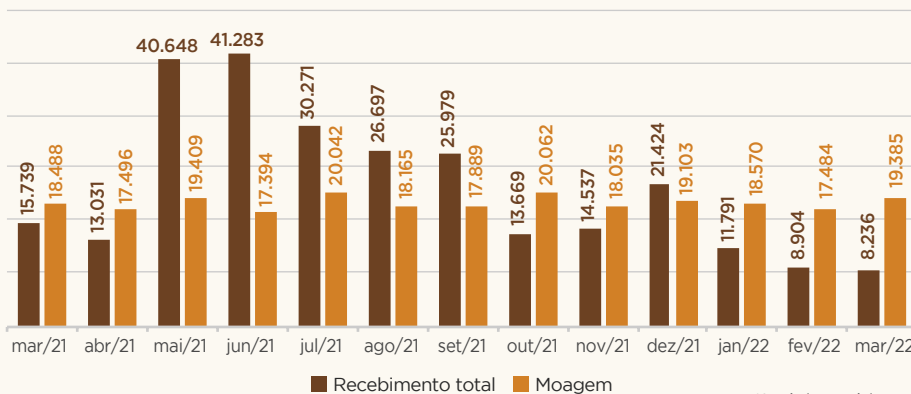
O primeiro trimestre de 2022 foi positivo para as indústrias processadoras de cacau e, também, para os produtores. Isso porque, de janeiro a março, o volume recebido pelas indústrias aumentou 119% e ficou em 28.931 toneladas, ante 13.161 toneladas registradas no mesmo período de 2021. Os dados são compilados pelo SindiDados e divulgados pela AIPC. Entre os fatores que vêm contribuindo para esse aumento no volume de recebimento, estão os esforços conjuntos da cadeia de suprimentos de cacau, que vem trabalhando intensamente em projetos e ações que estimulem a adoção de boas práticas agrícolas, assistência técnica e, consequentemente,

aumento da produtividade. “A Bahia teve um excelente resultado na safra do ano passado e continua apresentando bons números neste trimestre. O Pará também tem apresentado ótimos resultados, recuperando-se das perdas causadas pelas oscilações climáticas em 2021”, explica Anna Paula Losi, diretora-executiva da AIPC.

Já a moagem das indústrias processadoras associadas à AIPC apresentou um pequeno recuo, de 1,5%, no primeiro trimestre e ficou em 55.439 toneladas, ante 56.273 toneladas. A diretora-executiva da AIPC explica que a “estabilidade na moagem, ainda que apresente uma pequena queda, é reflexo da queda no

consumo de alguns produtos, e a perspectiva é de que os volumes no decorrer do ano continuem estáveis em relação a 2021”. No ano passado, a moagem de amêndoas ficou em 224.168 toneladas, 4,43% superior ao volume processado em 2020, de 214.657 toneladas. “A moagem tende a crescer na mesma medida que o consumo dos produtos finais aumenta, e, neste momento, ainda estamos passando por instabilidades nos cenários global e nacional que impactam a economia mundial e, consequentemente, o mercado brasileiro, fazendo com que as famílias reduzam seus gastos com itens que não são considerados de primeira necessidade”, explica Anna Paula Losi.

RECEBIMENTO* VERSUS MOAGEM MENSAL
(TONELADAS)



*Inclui recebimento nacional + importação
Fonte: SindiDados/Campos Consultores

DESEMPENHO EM MARÇO

O volume total de amêndoas de cacau recebido pelas indústrias processadoras em março caiu 7,5%, para 8.236 toneladas de amêndoas, ante 8.904 toneladas recebidas em fevereiro. “A queda do volume de entradas de cacau no fim da safra principal já era esperada, mas estamos muito otimistas com os resultados deste ano”, explica Anna Paula.

No mesmo período, a moagem registrou um aumento de 10,8% em março na comparação a fevereiro, com 19.385 toneladas ante 17.484 toneladas.

Ainda no mês de março, houve um pequeno volume de amêndoas importadas, que somou 3.003 toneladas, volume 62,4% inferior às 8.000 toneladas

importadas em março passado. Na comparação do trimestre, houve uma redução de 90% nas importações, já que houve importação apenas em março, ante 30.500 toneladas importadas no mesmo período de 2021. Anna Paula reforça que, conforme a produção de cacau no Brasil for aumentando, a tendência será de queda na importação,

visto que a amêndoa nacional atenderá todos os clientes, incluindo os internacionais: “Se a produção nacional de amêndoas for suficiente para atender os nossos clientes locais e internacionais,

a importação não será mais necessária. Temos trabalhado com diversos parceiros para incentivar o aumento da produção de cacau no Brasil, por meio de melhores produtividades das áreas já

existentes e da produção de cacau em áreas não tradicionais, sempre buscando o cultivo sustentável, por meio da recuperação de áreas degradadas e da preservação do meio ambiente”.

DADOS POR ESTADO

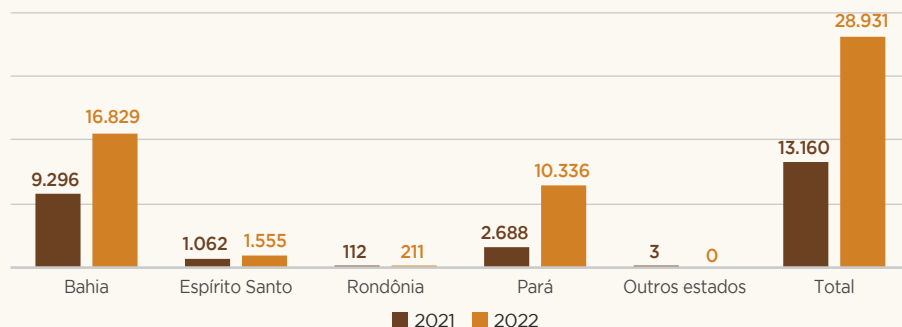
Quando se olham os dados do acumulado do trimestre, os recebimentos vindos da Bahia cresceram 81% em comparação a 2021, passando de 9.296 toneladas para 16.829 toneladas. No Pará, os recebimentos registraram uma alta de 284%, de 2.688 toneladas para 10.336 toneladas. O aumento do recebimento de amêndoas do Espírito Santo no trimestre foi de 46,4%, passando de 1.062 toneladas para 1.555 toneladas, enquanto o recebimento de Rondônia cresceu 88,3% e fechou o período em 211 toneladas, ante 112 toneladas.

Em março, o recebimento de amêndoas da Bahia foi 8% menor em comparação a fevereiro, ficando em 4.786 toneladas, ante 5.208 toneladas. No Espírito

Santo, o volume ficou em 146 toneladas, ante 535 toneladas em fevereiro, uma redução de 72,7%. Já o recebimento de Rondônia registrou um aumento de

608% e fechou o mês em 170 toneladas, ante 24 toneladas. No caso do Pará, o volume permaneceu praticamente estável em 3.135 toneladas.

RECEBIMENTO POR ESTADO NO PRIMEIRO TRIMESTRE (TONELADAS)



Fonte: SindiDados/Campos Consultores

CEPLAC CONTRIBUI COM A RETOMADA DO CACAU NACIONAL

Aos 65 anos, a instituição desenvolve um trabalho de pesquisa e com tecnologias fundamental no combate a pragas e doenças e na expansão do cultivo para áreas não convencionais.

Nos últimos anos, a instituição fez parte da cadeia de suprimentos de cacau. Viu a produção brasileira atingir 450 mil toneladas na década de 1980 e as perdas que a vassoura-de-bruxa causou a lavouras de milhares de produtores, especialmente na Bahia. Com o passar dos anos, o seu trabalho de pesquisa, assistência técnica e extensão se mostrou fundamental para a cacauicultura brasileira, fazendo com que tivesse um papel importante na modernização da cultura e na disseminação de conhecimento.

Assim, em 2022, aos 65 anos, muito mais do que um novo aniversário, a Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (Ceplac) celebra,

também, o seu papel na retomada da produção brasileira de cacau. “A produção nacional de cacau está muito ligada à Ceplac, principalmente por meio da pesquisa e da inovação no presente, mas também no passado, com o trabalho de assistência técnica desenvolvido por muitos anos”, explica Waldeck de Araújo, diretor da Ceplac.

Desde 2020 sem realizar serviço de assistência técnica, a Ceplac contribui com capacitação de técnicos para o fortalecimento dessa atividade por meio do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), nos níveis nacional e estadual, e dos demais órgãos estaduais e municipais, cooperativas e associações.

Assim, a “nova Ceplac” passou a ter foco em pesquisa e transferência de tecnologia, principalmente no desenvolvimento de novas variedades de cacau e no manejo para combate a doenças e maior produção. Araújo explica que esse trabalho trouxe bons resultados: “A partir da década de 2000, foram lançados novos clones resistentes a doenças e com maiores precocidade e produtividade, que contribuíram para a retomada do setor. Hoje, todo o material genético utilizado no cultivo de cacau no Brasil, seja qual for a região, foi desenvolvido pela Ceplac ao longo dos últimos anos”.

PLANOS FUTUROS PARA CRESCIMENTO

Para os próximos anos, a meta da Ceplac segue sendo investir em pesquisa e tecnologia para o Brasil se tornar autossuficiente em cacau em 2025 e alcançar 400 mil toneladas até 2030, podendo disputar a terceira posição mundial. Para Araújo, “isso passa não só pela expansão das áreas tradicionais, mas também pela expansão para novos biomas, como Cerrado e Caatinga”. O trabalho da área privada completa iniciativas desenvolvidas pela Ceplac na produção de bioinsumos e testes de novos fungicidas para combater a vassoura-de-bruxa.

“Destacamos, também, os investimentos em qualidade, com a inclusão não só do manejo, mas também dos concursos de qualidade e das certificações de origem”, considera Araújo. Outra frente considerada primordial para o diretor da Ceplac está na discussão sobre o balanço da emissão de gases do efeito

estufa (GEE), pois o plantio de cacau na cabruca em sistemas agroflorestais (SAF) contribui para o sequestro de carbono da atmosfera. “Já temos um estoque de 96 milhões de toneladas de carbono nas atuais áreas plantadas. Esse volume só tende a crescer nos próximos anos, tendo em vista que, para cada novo hectare plantado em SAF, se estima uma média anual de sequestro correspondente a 5,45 toneladas por hectare”, completa Araújo.

Atualmente, a Ceplac se faz presente de forma direta nos estados da Bahia, do Pará, do Espírito Santo, do Amazonas, de Rondônia e de Mato Grosso, por meio de centros de pesquisa e escritórios regionais. “Indiretamente, por meio de parcerias, estamos em outros estados, como Roraima, Ceará e Amapá, além de um projeto de cooperação com o estado de São Paulo”, revela Araújo. Com trabalho consolidado e reconhecido nas

áreas tradicionais, a Ceplac tem sido de fundamental importância na expansão do cacau para regiões não convencionais de cultivo, graças aos investimentos na produção de novas variedades de espécies, sejam seminais ou clonais.

A Ceplac é, também, mantenedora de um dos maiores bancos de germoplasma de cacau do mundo, com mais de 4.000 acessos, os quais estão replicados em quatro centros de pesquisa, sendo um na Bahia, dois no Pará e um em Rondônia. “Essa estrutura cumpre a sua função para conservação da planta enquanto importante fonte de variabilidade disponível para o melhoramento genético e o contínuo desenvolvimento da cacauicultura nacional”, explica a coordenadora-geral de Pesquisa e Inovação, Lucimara Chiari. ■

A *Agroanalysis* agradece a colaboração da jornalista Juliana Ribeiro, da área de Comunicação da AIPC.

